

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Camila Varella Berlinck

(DES) APROXIMAÇÕES ENTRE BELL HOOKS E GENI NÚÑEZ
o amor como meio revolucionário

SÃO PAULO
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Camila Varella Berlinck

(DES) APROXIMAÇÕES ENTRE BELL HOOKS E GENI NÚÑEZ
o amor como meio revolucionário

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para a graduação no
Curso de Psicologia sob orientação da
Prof^a. Sandra Gagliardi Sanchez

SÃO PAULO
2024

Agradecimentos

Preciso começar esse trabalho agradecendo a mulher que me trouxe ao mundo e que me ensinou desde muito cedo o que era amor. Luciana sempre me contou que quando eu era bebê cantava pra mim Exagerado do Cazuzza, afinal de contas, nossos destinos realmente foram traçados na maternidade e o nosso amor é exagerado. Agradeço imensamente minha mãe por tudo o que ela me deu, mas agradeço principalmente pela forma que ela me ensinou, junto com Cazuzza, que o nosso amor a gente inventa.

Acredito que esse meu TCC é minha primeira tentativa de falar um pouco desse amor que tenho aprendido e inventado nesses anos. Muito apoiada em Cazuzza, mas também em Marisa Monte, Alcione, Cartola, Fundo de Quintal, bell hooks, Geni Núñez, Brigitte Vassalo e Silvia Federici. O samba e a teoria me ensinam o que é o amor, por isso carrego eles juntinhos de mim, me enchendo de vida a cada passo que dou.

Aproveito também dizer que agradeço imensamente minha família, minha irmã Carolina, meus avôs Luciano e Gilda, minha tia Lulu e minhas primas Júlia e Clara, que me mostram todos os dias que o amor só cresce, e como é lindo poder continuar se amando e se cuidando mesmo com os muitos quilômetros que nos separam. Nesse caminho, também acho importante agradecer às minhas amigadas, que entre Rio e São Paulo, entre pesquisas e fofocas, entre os corredores e bares, me ouviram falar de amor e me contaram do amor delas. E em um lugar que é meio família, meio amiga e muito mais, agradeço muito pela minha dupla! Bárbara é o grande presente da minha graduação, ela me mostrou a beleza do samba, do açaí com leite ninho, das palavras cruzadas e das conversas bonitamente banais do dia a dia. Dupla, te levo pra sempre!

Outra pessoa que não poderia deixar de agradecer é Vinicius. Te agradeço muito por todas as vezes que você leu meus textos, me assistiu falando em congresso, me acalmou, me acolheu, pediu carinho e se deixou ser acolhido e cuidado. Das vezes que discutimos assuntos teóricos e não tão teóricos assim, da paciência e carinho que você tem comigo e que eu tenho por você. Só posso te agradecer e dizer que sou muito feliz de estar do seu lado. Espero seguir falando e vivendo o amor com você por muito tempo.

Apreendi escrevendo esse trabalho que o espaço em que o amor floresce é no cotidiano, nos carinhos trocados, nas músicas que ouvimos, na comida gostosa que comemos, por isso agradeço muito vocês que estão caminhando e construindo tudo isso aqui de pertinho.

Não posso esquecer também de agradecer as pequenas grandes coisas que dão sentido à minha experiência e que me encham de amor: os blocos de carnaval na Praça da Harmonia, o mate com limão da praia, os ensaios de agogô, as viagens de carro, os espetinhos de coração de galinha e agradeço especialmente ao boteco da minha rua que faz a melhor feijoada do mundo. Isso tudo é só uma parte do que me torna capaz de amar e pensar no amor.

Tentei trazer neste trabalho um pouco do amor que eu aprendo e invento com os pedacinhos de cada uma e cada um que passou na minha vida. Aqui, quem for ler, vai encontrar um pequeno recorte essencial dessa grande colcha de retalhos que venho costurando, descosturando, modelando e remodelando ao longo dos meus anos de vida.

Espero seguir nesse caminho, mergulhada de amor.

Saber como nos posicionar internamente
Pra que qualidades naturais brotem
Sem a gente precisar entrar em acordo
Sem a gente dizer assim: Cê vai me amar por 30, 20, 40, 50 anos?
Certamente a pessoa vai te amar, pra sempre
Mas talvez não da forma como a gente gostaria
Não no esquema em que a gente gostaria
As coisas vão mudando
As faces do amor podem mudar
Mas a gente não sabe, a gente não sabe se relacionar
Com a realidade nessa perspectiva, né? Da liberdade
Isso é convite pra ser adulto

Márcia Baja no interlúdio de "Preta de Quebrada" da Flora Matos

RESUMO

7.00.00.00-0 Ciências Humanas

7.07.05.00-3 - Psicologia Social

(des) aproximações entre bell hooks e Geni Núñez: o amor como meio revolucionário

Autora: Camila Varella Berlinck cvarellab.08@gmail.com

Orientadora: Prof^a. Sandra Gagliardi Sanchez ssanchez@pucsp.br

Departamento de Psicologia Social – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - PUCSP

O presente trabalho se propôs a explorar a complexidade do amor e de suas definições a partir de uma análise comparativa da obra de duas autoras. As autoras escolhidas foram bell hooks e Geni Núñez, conhecidas por suas produções acerca do amor, desde uma perspectiva descolonial e de oposição ao amor romântico. Realizou-se uma pesquisa documental comparativa a partir dos seguintes documentos: 1. O livro Tudo sobre amor: novas perspectivas de bell hooks; 2. O capítulo O amor como prática da liberdade de bell hooks; 3. O capítulo Prática do amor de bell hooks; 4. O livro Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar; 5. Palestra Monogamia e identidade na clínica de Geni Núñez. A análise propiciou um levantamento das aproximações e afastamentos entre as autoras e suas percepções acerca do amor enquanto uma prática descolonial. Destaca-se que ambas as autoras se aproximam na forma de compreensão do amor enquanto uma prática, uma ação direcionada para a liberdade. Contudo, se afastam nas definições de algumas críticas e posições em relação às instituições do capital, diferenças que têm origem principalmente nas compreensões epistemológicas de cada autora, que partem de lugares distintos, uma vez que uma fala de uma perspectiva crítica do feminismo negro dos Estados Unidos e outra de uma radicalidade da descolonização proposta por povos indígenas guarani.

Palavras-chave: amor; descolonialidade

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
BELL HOOKS.....	12
BELL HOOKS E O FEMINISMO NEGRO.....	13
O AMOR EM BELL HOOKS.....	16
O QUE NÃO É AMOR.....	16
O QUE É AMOR.....	19
GENI NÚÑEZ.....	22
ESTUDOS DE GÊNERO E DECOLONIALIDADE.....	23
MONOGAMIA E ARTESANIA DOS AFETOS.....	24
DISCUSSÃO- (DES)APROXIMAÇÕES.....	28
FAMÍLIA.....	29
AMOR ROMÂNTICO E ÉTICA AMOROSA.....	32
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

1. APRESENTAÇÃO

Meu caminho na graduação de psicologia é marcado pelo gênero. Sou uma mulher branca, que estuda em uma faculdade particular historicamente ocupada pela elite Paulista, mas que é marcada por um forte e histórico movimento estudantil majoritariamente de esquerda. Um espaço que carrega a lembrança da resistência à ditadura militar, que se define como uma faculdade católica comunitária que luta pela democracia, mas que presencia cada vez mais alunos contrários a essa posição, que pedem catracas na universidade e tem feito atos discriminatórios contra estudantes bolsistas. Dentro dessas contradições políticas, componho uma turma de graduação formada majoritariamente por mulheres brancas, formando para uma profissão que também é exercida principalmente por mulheres. E mesmo nesse cenário, onde é impossível não pensar sobre os recortes de gênero, raça e classe, as discussões sobre essas marcas não atravessaram minhas aulas de maneira expressiva, ou não tomaram as proporções que eu considero necessárias. Esse trabalho acompanha o meu caminho da graduação, como uma forma de tentar dar conta e sentido às experiências, discussões e espaços políticos que caminhei pela faculdade.

Para começar a discussão sobre gênero na psicologia, vejo sentido em começar a falar sobre a Valeska Zanello, uma psicóloga de Brasília e uma das principais referências nacionais que temos nos Estudos de Gênero. Conheci seu trabalho durante a produção da minha pesquisa de Iniciação Científica, e agradeço muito ao trabalho dela, e à minha orientadora na época, por ampliarem os meus caminhos e me fazerem encontrar sentido na psicologia por meio dos Estudos de Gênero. Foi Zanello que criou a teoria dos dispositivos de gênero, que se tornou fundamental para minha Iniciação Científica sobre relacionamentos amorosos.

No desenvolvimento da minha primeira pesquisa meu maior objetivo era entender como a monogamia atuava como fonte de sofrimento para as mulheres. Foi logo nos primeiros capítulos do livro *Saúde mental, gênero e dispositivo* que Zanello abriu meus olhos e meus caminhos para entender como os dispositivos de gênero são caminhos privilegiados no processo de socialização e como os dispositivos afetam de formas muito distintas, violentas e desiguais, a vida de homens e mulheres (Zanello, 2018). O livro da Zanello, junto ao meu processo de escrita e orientações da Iniciação Científica deram sentido aos meus anos de graduação. Essa pesquisa é uma forma de continuação desse processo, entendendo que para falarmos de saúde e cuidado, precisamos necessariamente falar sobre os atravessamentos de gênero, raça e classe.

Falando mais especificamente sobre a produção desta pesquisa, posso dizer que fui bastante influenciada por uma provocação de Zanello que vibra em mim. Ao longo da minha IC eu sempre abordo os relacionamentos amorosos monogâmicos em “seu caráter sistêmico e coercitivo, enquanto uma ferramenta desenvolvida no seio do patriarcado como uma forma de manutenção do poder e da violência contra os corpos femininos” (Varella, 2023, p.7), mas Zanello faz um convite e dá um passo além dessa afirmação. Ela destaca que os dispositivos amoroso e materno são os dispositivos que determinam a experiência subjetiva das mulheres, e nessa discussão ela afirma que o amor é indenitário. Ela coloca o amor em jogo, ultrapassando a estrutura institucionalizada dos relacionamentos amorosos que me afetou, no melhor dos sentidos.

O amor é identitário.

Quando eu li isso pela primeira vez, senti que me atravessou como uma bala. Não só essa frase, mas todas as discussões da Zanello atravessam a gente como uma bala. É simplesmente impossível sair ileso, impossível não se identificar, questionar, sensibilizar diante de evidências teóricas que nomeiam a nossa existência. Eu, como mulher, fui e sou ensinada diariamente a produzir e reproduzir o dispositivo amoroso.

O amor é realmente indenitário e desde que eu iniciei a pesquisa sobre relacionamentos amorosos, eu lembro disso todos os dias. Foi com essa pesquisa que eu pude olhar para o amor pela primeira vez. O amor que eu falava era o do dispositivo amoroso, o amor romântico que, sempre associado à monogamia, é um mecanismo de controle dos corpos das mulheres, que se colocam e são colocadas em uma posição de inferioridade em relação aos homens, no que Valeska Zanello expressa muito bem com a ideia da Prateleira do Amor. Batalhamos entre nós para saber quem vale mais aos olhos dos outros, quase sempre homens, em uma busca incessante de sermos amadas.

O amor identitário me afeta em tantos lugares porque, por mais que eu tente e fale sobre ele e tente fugir dessa marca na minha identidade, sempre quando me encontro com outras mulheres e converso sobre o amor, desde um lugar teórico, eu percebo como ele ainda domina minha vida. E mesmo sendo algo muito triste e muito difícil, tiro um sentido bonito disso tudo: discutir sobre o amor com outras mulheres, partindo não só das experiências pessoais, mas de teorias que nomeiam nossa experiência, transforma o sentido da prática do cotidiano. É na relação com outras, apoiadas em teorias e na vivência real dos afetos, que podemos nos cuidar e transformar as relações cada vez mais.

Na produção do TCC, minha proposta é poder pensar o amor desde uma outra perspectiva. Uma perspectiva menos romântica, menos afetivo-sexual, e mais no sentido

de prática de libertação, apoiada nas produções sobre o amor em bell hooks e Geni Núñez. Nesse caminho, tenho me perguntado o que bell hooksalaria sobre essa frase que me pega tanto, de que o amor é identitário.

Às vezes eu imagino bell hooks em uma de suas muitas palestras que assisti no *Youtube*, sentada em uma cadeira com seu terninho vermelho, respondendo uma pergunta que seria “bell hooks, o que você acha da afirmação de que o amor é um fator identitário para as mulheres?”. E, como eu mesma criei a entrevista, imagino a resposta mais ou menos nas linhas de “Se entendemos o amor como fator central na socialização e na identidade de mulheres, então que a gente possa falar desse amor não como prática relacional e sexual, mas falar do amor enquanto ética. Precisamos, em um esforço coletivo, transformar o significado do amor e ensinar para essas mulheres sobre essa outra forma de amar. Precisamos identificar o amor enquanto uma prática ética, uma prática política que se opõe a todo tipo de dominação. O amor que precisamos é o amor do compromisso e da responsabilidade, o oposto do que observamos nas violências nas famílias e nos relacionamentos ditos amorosos. É o amor como escolha basal da nossa atuação que nos impulsionamos para uma prática contra colonial de libertação.”

O objetivo deste trabalho é poder explorar, explicar e compartilhar o sentido dessa resposta. Que esse seja um caminho que podemos falar e pensar o amor enquanto um meio revolucionário de cuidado e libertação, de luta e de afetação.

2. INTRODUÇÃO

O amor tem sido enunciado, definido, estudado e celebrado ao longo dos séculos das mais diferentes formas. Compreender a amplitude do amor e das relações amorosas é, de uma forma, lançar olhar para a complexidade da história, uma vez que, como explicita a historiadora Mary Del Priore (2005):

Cada cultura reserva-lhe um espaço privilegiado em seu sistema, representando-o à sua maneira. Há quem diga até que ele é uma invenção do Ocidente. E o amor não muda só no espaço, mas no tempo também. O de ontem não é o mesmo de hoje. Isso porque, diferentemente dos tubarões, o amor e as formas de amar se transformam ao longo dos séculos. (Del Priore, 2005)

As transformações que o amor sofre ao longo dos séculos, se traduzem não só nas mudanças do viver e sentir cotidianos, como também na experiência cultural e política das

sociedades. Talvez isso não fique tão claro quando nos deparamos com narrativas históricas apegadas ao positivismo e que prezam por uma suposta objetividade ou racionalização, mas ao olharmos para a história de forma gendrada, isso se torna evidente. Enquanto desenvolvia minha pesquisa de iniciação científica, se tornou cada vez mais clara a relação entre a mudança na vida afetiva, nos relacionamentos afetivos sexuais e sua íntima relação com as mudanças sócio-culturais e políticas da sociedade. Autores como Sérgio Lessa, Regina Navarro Lins e Mary Del Priore, são algumas que se dedicam a produzir pesquisas que direcionam os holofotes para o amor enquanto uma categoria de análise histórica.

Lessa (2012) apresenta um caminho crítico acerca das relações que fundam as noções de família e monogamia. Trata-se de pesquisa histórica que expõe uma discussão central do comunismo: o de identificar na família e na monogamia um processo histórico alienante que produz a propriedade privada. Lessa (2012) demonstra que o processo de consolidação da família monogâmica se fortalece com a burguesia, entendendo que essa estrutura desempenha um papel central na organização da sociedade de classes. A ascensão da propriedade privada traz um processo de dominação de alienação dos corpos de mulheres, que foram tiradas do direito de possuir qualquer tipo de propriedade e passaram a ser confinadas às tarefas de reprodução no meio privado. A monogamia patriarcal e a propriedade privada produziram a noção de feminino, associado à mulher, a uma existência que garanta a manutenção do privado e para o cuidado.

Diante disso, a noção de relacionamentos amorosos, principalmente ligados à monogamia, demonstram que não se trata de uma prática natural e inquestionável, a pesquisa histórica demonstra que a definição dos relacionamentos está intimamente ligada à estruturação e consolidação do capital e do patriarcalismo. Não se trata de uma escolha, e sim uma imposição que vem sendo construída e reafirmada ao longo dos séculos.

Para ampliar a discussão acerca do papel dos relacionamentos amorosos, destacamos Valeska Zanello (2018) como uma importante referência nos estudos de gênero e na psicologia, que nos apresenta uma base para a análise de como a monogamia e aquilo que foi sendo nomeado e definido como amor, são utilizados historicamente como mecanismos de controle dos corpos de mulheres. Em seu trabalho, a autora demonstra como em uma sociedade em que o gênero binário é um fator central e organizativo das relações sociais, há uma definição muito clara das performances, afetos e funções determinadas e valorizadas culturalmente de acordo com a identificação homem ou mulher.

Zanello (2018) aponta para os dispositivos de gênero como “máquinas de fazer ver e de fazer falar” (Zanello, 2018, p. 55), ao passo que estão sempre implicados nos processos de subjetivação dos sujeitos, e destaca os dispositivos amoroso e materno no processo de subjetivação de mulheres e o dispositivo da eficácia como caminho privilegiado no processo cultural dos homens.

Para esse trabalho nos interessa dar um enfoque maior para a caracterização do dispositivo amoroso, uma vez que a autora afirma que:

Dentre os dispositivos das mulheres, o amoroso apresenta-se como central, e como maior fator de desempoderamento delas e de empoderamento e proteção psíquica para os homens (Zanello, 2018, p.61)

O que consideramos como modelo de amor atualmente é uma herança do amor romântico burguês, que se expandiu com o capitalismo industrial e no processo de urbanização. Esse amor define as relações heterossexuais monogâmicas como único arranjo relacional possível. Trata-se de uma moral afetiva que elege para as mulheres a relação monogâmica como objeto de intensa dedicação e desejo. Nesse sentido, o dispositivo amoroso e as tecnologias de gênero, agem para garantir que as mulheres estejam sempre dispostas a renunciar a suas vidas em nome do amor, em uma relação de pura dependência e identificação com ele (Zanello, 2018). Segundo Zanello,

Dizer que o dispositivo amoroso apresenta-se como caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. (Zanello, p.84, 2018)

Isso se dá por meio de uma intensa pedagogia afetiva, no qual somos ensinadas e ensinados a vivenciar os afetos. Nesse caminho, as mulheres são ensinadas que para se sentirem realizadas, precisam estar, a qualquer custo, em um relacionamento, e estar sozinha é sentido como a pior penalidade para elas/nós, uma vez que não se sentem dignas de serem escolhidas. Segundo Zanello (2018, p. 95) “O estar sozinha é compreendido (...) como um ‘abandono’, como um ‘encalhamento’ na prateleira (do amor), como não ser boa o suficiente para ser escolhida”. Diante dessa perspectiva, a centralidade da relação e de

se sentir escolhida, ou amada, “Muitas mulheres suportam melhor o desamor do que o não ter alguém” (Zanello, p.95, 2018).

A experiência do amor é gendrada e, a partir do momento que compreendemos essa perspectiva, percebemos como as produções na literatura, na música, no cinema e nas mais diferentes áreas, servem como tecnologias de gênero que reafirmam a posição do amor na sociedade, e a conduta dos sujeitos homens e mulheres em relação a esse amor. Exploraremos esse aspecto ao longo do trabalho, mas destaco aqui o que bell hooks (2021) trouxe em *Tudo Sobre o Amor: novas perspectivas*, apesar de as mulheres serem as principais consumidoras de livros sobre amor, a maior parte dos livros é escrito por homens, em uma escrita que reafirma os papéis de gênero machista e que possuem experiências e vivências profundamente diferentes das vividas por mulheres. bell hooks aponta que “Aparentemente as mulheres estão dispostas e ansiosas a ouvir o que homens têm a dizer sobre amor” (hooks, p.38, 2021).

O amor surge nesta pesquisa, não como emoção a ser descrita e investigada, mas como uma categoria que nos guia pelos aspectos histórico-culturais, afetivo-relacionais e políticos contemporâneos. Almejamos aqui trazer uma leitura do amor que contemple suas diferentes facetas, traçando um caminho que esboce a origem dessa Epidemia de Solidão, ou como iremos demonstrar, esse amor neoliberal que produz a solidão e a coisificação das pessoas, e trazer o contraponto dessa realidade, que se traduz na luta e na prática de um amor revolucionário e libertador, defendido e teorizado por bell hooks e mais recentemente por Geni Núñez.

Buscamos por meio deste trabalho, explorar as perspectivas dessas duas autoras, que se aproximam e se opõem em suas formulações sobre a prática do amor enquanto libertação e em suas epistemologias. Exploraremos as obras dessas autoras ao longo do trabalho, mas acho importante destacar a importância dessa escolha de bibliografia. Primeiramente, é importante destacar que fizemos a escolha de usar bell hooks, uma autora e acadêmica negra estadunidense, por ser uma importante referência nas discussões da afetividade e do amor no feminismo negro e na dimensão da educação. As obras escolhidas foram publicadas entre os anos de 2000 e 2001, logo na virada para o século XX, onde a autora já identificava uma posição muito particular do amor, associada à realidade neoliberal que se fortalecia. Exploraremos mais essa relação ao longo do trabalho.

Em segundo lugar, a escolha de utilizar obras de Geni Núñez, uma autora, psicóloga e ativista indígena brasileira, se deu pela relevância que sua pesquisa tem assumido nas

discussões sobre afetividade e colonialidade na realidade nacional. As obras escolhidas são de 2021 e de 2023, elaboradas 20 anos depois da obra de bell hooks, e que nos dão sinais importantes sobre a situação contemporânea das vivências do amor.

3. BELL HOOKS

bell hooks (1952-2021), é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, uma escritora, professora e intelectual estadunidense que dedicou sua pesquisa e obra às questões de gênero, raça, classe, assim como à temática da educação e do amor. bell hooks teve uma ampla carreira acadêmica, lecionou e palestrou por diversas universidades nos Estados Unidos, tratando principalmente acerca dos Estudos Afro-americanos e Estudos de Gênero. A autora conta com mais de 30 livros publicados e é uma referência central para as discussões sobre o feminismo negro e educação. Para esse trabalho, iremos nos dedicar a explorar a perspectiva de bell hooks sobre o amor, um dos eixos de grande importância de seu trabalho.

Em 2021, a editora Elefante de São Paulo publicou a primeira edição traduzida de *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Originalmente publicado no ano 2000, *Tudo sobre amor* foi nomeado pela própria autora como o primeiro livro de sua trilogia do amor. Essa trilogia é composta também pelos livros: *Salvação: pessoas negras e amor* e *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor*, também traduzidos e publicados pela editora Elefante.

Para produzir a análise sobre o amor nas obras de bell hooks, utilizaremos trechos do seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* e o último capítulo do livro *Cultura fora da lei: representações de resistência*, intitulado O amor como prática da liberdade, publicado em 1994 nos Estados Unidos.

Antes de partirmos para as especificidades do eixo temático do amor em bell hooks, é essencial produzir uma breve análise histórica do momento em que a autora produz seus livros, uma vez que sua experiência e vivência enquanto uma mulher negra, militante de movimentos sociais e uma mulher inserida no mundo acadêmico, é um aspecto central de sua obra.

As obras de bell hooks estão inseridas em um contexto mais amplo de emergência dos debates e do movimento do feminismo negro ao longo dos anos de 1970 e 1980, principalmente nos anos 1980 em que cresceram o número de publicações de mulheres negras e se destacam obras centrais para o movimento feminista, como é o caso de *Mulher, Raça e Classe* publicado em 1981 por Angela Davis, *Irmã outsider: ensaios e conferências* de 1984 da Audre Lorde e o primeiro livro publicado de bell hooks: *E eu não sou uma*

mulher? Mulheres negras e o feminismo (Almeida, 2021). bell hooks está inserida em um contexto de luta e de ampliação do alcance e da voz de mulheres negras, que colocam em análise a história e as especificidades das vivências de mulheres negras na sociedade capitalista.

3.1 BELL HOOKS E O FEMINISMO NEGRO

Diante do exposto, é essencial nos aprofundarmos no cenário de efervescência teórica e política no qual bell hooks escreveu suas primeiras obras. Como exposto acima, a primeira obra publicada pela autora *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, de 1981, é considerado uma referência central para as discussões contemporâneas sobre feminismo e raça. A origem do título do livro já nos introduz a questões centrais nas discussões sobre o direito das mulheres nos Estados Unidos, visto que faz referência a uma fala de denúncia feita em um encontro de mulheres sufragistas em 1851. O discurso foi feito por Sojourner Truth, uma mulher negra que havia sido escravizada, e ficou conhecido como “Ain’t I a Woman”, em português “e eu não sou uma mulher?”. Nesse discurso de Truth, havia uma denúncia de como o movimento de mulheres sufragistas, liderado por mulheres brancas e ricas, silenciava e marginalizava as mulheres negras. Esse discurso, assim como o de outras mulheres militantes da época, como Anna Cooper e Amanda Berry Smith, expõe as violações e o grau de subalternidade a que as mulheres negras estavam submetidas (Hooks, 2019).

O movimento de mulheres como Sojourner Truth, Anna Cooper e Amanda Berry Smith é conhecido como a primeira onda do feminismo negro, que tem como origem e cenário de disputa o movimento abolicionista e a luta pelo sufrágio universal no século XIX. A primeira onda do feminismo negro traz de forma intensa discussões acerca das sobreposições de opressões entre gênero, raça e classe, e levanta a bandeira pela luta contra o colonialismo e a escravização de pessoas negras. É esse movimento de mulheres no século XIX que serve como referência central para as discussões que as autoras feministas afro-americanas nos anos de 1970, dentre elas a bell hooks, passam a desenvolver (Dorlin, 2019). Nesse sentido, a obra de bell hooks está inserida no que é nomeado como a segunda onda do feminismo negro, que teve início nos anos 1970. Destaco aqui algumas publicações que foram centrais para a fundação desse movimento:

Um dos textos considerados como fundante dessa segunda onda do feminismo negro estadunidense é o “*An argument for Black women’s liberation as a revolutionary force*”, publicado em 1969, que traz aspectos centrais que pautaram o movimento ao longo

dos anos de 1970 e 1980. No ano seguinte, em 1970, é publicado o *Black Women's Manifesto*, que traz de forma revolucionária as pautas para o movimento feminista.

“A mulher negra está exigindo um novo conjunto de definições de mulher e um reconhecimento dela mesma como cidadã, companheira e confidente, e não uma vilã matriarcal ou um instrumento de fazer bebês” (Third World Women's Alliance, 1970 apud Dorlin, 2019)

Esse texto apresenta de forma clara aspectos que são fundantes nas formulações das feministas da época. Nesse manifesto as autoras reivindicam a autodeterminação para as mulheres negras, a possibilidade dessas mulheres falarem sobre si, suas experiências vividas de dominação e opressão.

Em 1979, o Combahee River Collective, um coletivo feminista negro fundado por militantes pelos direitos civis e por mulheres associadas ao partido dos panteras negras, também publica seu manifesto, que apresenta no início do texto a relação das autoras da primeira onda do feminismo negro com a fundação da luta pelo direito das mulheres. Esse manifesto, assim como outros publicados na mesma época, pauta algo que é essencial para a compreensão do feminismo negro: eles pautam que o movimento é fundado na história de mulheres negras escravizadas. É essencial destacar essa afirmação para a compreensão do movimento, uma vez que essa afirmação é o que abre os caminhos para a determinação da historicidade como forma de produção das teorias e da luta feministas (Dorlin, 2019). A historicidade enquanto categoria se torna primordial na luta feminista pautado pelo movimento de mulheres negras, uma vez que essas se propõem a romper com uma essencialização e naturalização do ser mulher. O feminismo negro ultrapassa a noção de uma única experiência universal de ser mulher, uma vez que:

Através da história estadunidense, o imperialismo racial branco tem apoiado o costume de acadêmicos de usar a palavra “mulheres”, mesmo quando se referem somente à experiência de mulheres brancas. Ainda que tal costume, seja ele consciente ou inconsciente, perpetue o racismo por negar a existência de mulheres não brancas nos Estados Unidos. Ele também perpetua sexismo à medida que pressupõe ser a sexualidade o único traço de definição da mulher branca e nega a identidade racial delas. (Hooks, 2019, p.27)

O esforço das feministas negras era de produzir pensamentos que se afastassem da lógica do discurso de dominação (Velasco, 2019). Encontramos na obra de Patricia Hill Collins, autora contemporânea a bell hooks, aspectos centrais que determinam e caracterizam uma epistemologia do pensamento feminista negro, um esforço para construir discursos e percursos teóricos que quebram com a lógica de dominação da branquitude.

Destaco aqui um ponto essencial da “epistemologia alternativa” (Velasco, 2019) que permite a construção do conhecimento de forma potente, e que se torna uma marca na obra de bell hooks. O conhecimento é constituído e construído desde a experiência vivida, se opondo a uma visão positivista de ciência que se propõe objetiva, “Na epistemologia feminista negra, a história é contada e preservada em forma de narrativa e não de uma posição analítica” (Velasco, 2019, p. 96).

A experiência de vida de bell hooks é um eixo central de sua obra, os relatos sobre suas experiências na vida pessoal, profissional e na atuação política, e aquilo que observa em suas aulas no contexto das universidades, são marcas importantes na sua escrita e suas teorizações. Isso se dá ao passo que a autora compreende a indissociabilidade entre a vivência subjetiva e o atravessamento de questões estruturais e políticas, como a violência, o racismo e o patriarcado. bell hooks escreve suas teorias a partir de sua prática nos mais diferentes campos da vida.

Nesse sentido, destaco aqui relatos que aparecem com frequência quando bell hooks trata sobre o amor, e que servem para localizarmos melhor sua obra no contexto em que é escrita. Tanto no capítulo publicado em 1994 quanto no livro de 2000, bell hooks destaca uma posição cínica das pessoas, principalmente dos jovens, em relação ao amor e o seu papel nos movimentos de justiça social (Hooks, 2021). Para ilustrar essa relação, a autora traz como exemplo da marca da descrença em relação ao amor o sucesso da música da cantora Tina Turner *What’s love got to do with it* (o que o amor tem a ver com isso), que segundo a autora, representa uma insignificância do papel do amor, a música trata de um amor ridicularizado e que pertence a lógica do capital (hooks, 2021, 2023).

bell hooks escreve no prefácio de *Tudo sobre o amor* que “o desamor tinha se tornado a ordem do dia” (bell hooks, p.26, 2021), e para combater essa lógica, sua obra surge como um esforço de retornar ao amor. A autora constrói um caminho que diferencia o amor, que ela identifica enquanto prática libertadora, do amor romântico patriarcal, iremos explorar esse eixo mais à frente. O amor que bell hooks se refere em sua obra é um amor que ultrapassa a paixão e caminha no sentido da libertação.

Compartilho dessa crença e da convicção de que é ao escolhermos o amor, ao começarmos com o amor como base ética para a política, que nos posicionamos melhor para transformar a sociedade de maneira a aprimorar o bem coletivo. (hooks, p. 406, 2023)

3.2 O AMOR EM BELL HOOKS

3.2.1 O QUE NÃO É AMOR:

“Nossa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra ‘amor’ é a origem de nossa dificuldade de amar” (hooks, 2021, p.45)

bell hooks convida seus leitores logo no primeiro capítulo de seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* a questionar as definições de amor e esse passo é essencial para compreendermos o amor ao qual a autora se refere. Há uma confusão sobre definições do amor, bell hooks aponta que desde o dicionário até os livros que falam de amor, não é possível encontrar uma definição clara sobre o que seria esse sentimento, ou prática, como a autora propõe, uma vez que os autores se esquivam desse trabalho (hooks, 2021). Em um esforço de localizar e identificar esses discursos e definições, hooks analisa e comenta sobre algumas obras dedicadas a pensar o amor apresentando que, de forma geral, o amor que é falado é o amor romântico, um amor que é focado na experiência da atração sexual, nos relacionamentos afetivos como namoro e casamento e que são moldados pela realidade de uma sociedade capitalista que carrega em si uma ética de exploração e de dominação.

É necessário detalhar o significado desse amor romântico que está inserido na cultura do capital, compreendendo que este se desenvolve e tem grande apelo em uma sociedade governada por uma cultura de trocas. Dentro do contexto do capitalismo competitivo de consumo, é ensinado aos sujeitos a concepção do amor como uma prática comercial, supõe-se um sistema de compra e venda de necessidades que é o motor subjacente a todas as interações. Nessa perspectiva a visão é percebida como um mercado, onde o amor é visto como um resultado da livre iniciativa (Merton, 1987 *apud* hooks, 2023). Diante desse cenário, hooks (2023, p.406) afirma: “Sem saber amar ou até mesmo o que é o amor, muitas pessoas se sentem emocionalmente perdidas; outras buscam definições, formas de sustentar uma ética do amor em uma cultura que nega o valor humano e valoriza o materialismo.”

O amor é encarado como algo necessário apenas como um meio para satisfação de desejos pessoais, acompanhado de uma tendência de tratar o amor como uma droga, algo que quando consumido oferece um “êxtase imediato e prolongado” (hooks, 2021, p.148). hooks investiga as origens dessa visão do amor, destacando sua profunda ligação com os processos que aconteceram nos Estados Unidos a partir dos anos 1970, com o avanço das guerras imperialistas e o fortalecimento e promoção em massa da cultura neoliberal. hooks aponta que as guerras imperialistas como a do Vietnã e do Afeganistão representaram um processo violento que “havia criado abundância econômica, mas deixado em seu rastro devastação e ausência.” (hooks, 2021, p.141).

Como forma de sustentar e atribuir significado aos horrores das guerras imperialistas, a política e a máquina de propaganda dos Estados Unidos tornaram-se importantes veículos de disseminação da ideologia neoliberal. Essa ideologia era promovida por meio de propagandas e ideais que buscavam enaltecer a cultura do consumo material e do dinheiro, fortalecendo um ideal caracterizado por um narcisismo patológico, uma alienação do outro e uma valorização extrema das conquistas individuais, servindo como justificativa e suporte para as guerras imperialistas (hooks, 2021).

A emergência da cultura do “eu” é consequência direta da incapacidade de nosso país de pôr em prática, de fato, a visão de democracia enunciada em nossa Constituição e na Declaração de Direitos. Abandonados na cultura do “eu”, consumimos e consumimos, sem pensar nos outros. A ganância e a exploração se tornam a norma quando uma ética de dominação prevalece. Elas trazem consigo alienação e falta de amor. Uma intensa ausência emocional e espiritual em nossa vida é o terreno perfeito para o cultivo da avareza material e do consumo desenfreado. (...) Nossa nação caiu na armadilha do narcisismo patológico, na esteira de guerras que traziam recompensas econômicas enquanto enfraqueciam a visão de liberdade e justiça que é essencial para sustentar a democracia. (hooks, 2021, 139-140)

Nesse cenário, houve um declínio no discurso e nas lutas pela libertação, amor e paz. bell hooks observa que o assassinato de líderes políticos como Martin Luther King e Malcolm X, figuras centrais na luta anti-imperialista e antirracista, são fatores marcantes que geraram um sentimento de desespero e desamparo social, afastando cada vez mais o amor do discurso e da luta coletiva (hooks, 2023).

Associado a essa tendência de valorização da individualização e do consumo material pessoal, o amor passa a ser progressivamente mais restrito aos domínios familiares e privados,

O capitalismo e o patriarcado, juntos, como estrutura de dominação, produziram o afastamento das famílias nucleares de suas respectivas famílias estendidas. Por essa razão, aumentaram os abusos de poder no ambiente familiar, pois a família estendida é um lugar onde podemos aprender o poder da comunidade (Silva, 2021, p.17)

Mesmo havendo um foco e uma valorização das famílias nucleares, bell hooks aponta que se trata de uma estrutura social relativamente recente, visto que “A maioria dos cidadãos do mundo não tem e nunca terá os recursos materiais para viver em pequenas unidades separadas de comunidades familiares maiores” (hooks, 2021, p. 164), trata-se, portanto, de uma unidade menor dentro de uma estrutura mais ampla formada pela família

extensa. Família essa que se encontra enfraquecida enquanto comunidade diante da realidade do patriarcado capitalista. Esse movimento de substituição da comunidade proporcionada pela família por uma unidade familiar mais privada caminha em direção à alienação dos sujeitos. Esse rearranjo possibilita o surgimento de abusos de poder e laços disfuncionais, ao passo que concede o poder absoluto ao pai e um controle da manutenção do lar e das crianças, à mãe (hooks, 2021). A família e o casal, enquanto instituições, são ambientes propícios ao abuso do poder e uma realidade de desamor.

Diante da ênfase dada a experiência do amor romântico nesse cenário, bell hooks destaca as diferenças vividas no amor entre homens e mulheres. A autora argumenta que, nesse cenário, o patriarcado e o capitalismo se fortalecem mutuamente para garantir que o amor seja uma arma que justifique espaços de violência e exploração dentro da instituição familiar e nas relações afetivo-sexuais. A estrutura patriarcal da sociedade confere privilégios aos homens que atuam como um mecanismo de fortalecimento do poder masculino, afirmando que “homens poderosos podem fazer o que bem entendem, que essa a liberdade que os torna homens” (hooks, 2021, p.80), e tomando como pressuposto essa liberdade, os homens mentem, abusam e violentam mulheres como forma de obter poder sobre elas.

A masculinidade patriarcal exige que meninos e homens não só se vejam como mais poderosos e superiores às mulheres, mas que façam o que for preciso para manter sua posição de controle. Esse é um dos motivos pelos quais homens, bem mais do que mulheres, usam a mentira como modo de ganhar poder nos relacionamentos. (hooks, 2021, p.82)

Mesmo dentro desse cenário de violência patriarcal, há um discurso cultural de que é possível o amor florescer em uma situação de dominação. De um lado, homens são levados a crer que são merecedores do amor, sem produzir nenhum esforço ou trabalho em direção a ele. Ao lado disso, há uma ênfase e uma afirmação de que todos os relacionamentos possuem algum grau de disfunção, de violência e abuso em si, levando a crer que nesses espaços que o amor é compatível com a dominação (hooks, 2021).

As teorizações de bell hooks sobre o amor estão no lado oposto à essa compreensão. Em suas obras é notável o esforço de definir o que é o amor, como ele pode ser identificado, nomeado e praticado, assim como também é notável o empenho de distinguir a experiência do amor de situações de abuso e violência. Logo no primeiro capítulo de *Tudo sobre o amor* bell hooks (202, p.48) afirma: “Amor e abuso não podem coexistir”. O esforço da autora é no sentido de desenvolver uma definição da práxis do amor, se opondo aos outros escritores que fogem de uma definição clara sobre ele.

3.2.2 O QUE É AMOR:

Com base na caracterização e contextualização anterior, que descreve o que bell hooks chama de desamor, é hora de dedicar nossa atenção à reflexão sobre o amor. Para compreender o amor em bell hooks, precisamos partir do propósito de que o amor é uma ação. Destaco aqui alguns trechos que centralizam essa definição:

A palavra "amor" é um substantivo, porém a maioria dos teóricos mais perspicazes dedicados ao tema reconhecem que todos nós amaríamos melhor se considerássemos o amor como uma ação. (hooks, 2021, p. 46)

Nesse sentido, a autora utiliza duas referências para fundamentar a definição de amor, o psiquiatra M. Scott Peck e o psicanalista Erich Fromm. A definição utilizada conceitua o amor como uma disposição de se dedicar ao desenvolvimento espiritual, próprio ou não, que se manifesta por meio de ações, que expressam a vontade e uma intencionalidade em direção ao amor. hooks destaca que essa vontade de agir em direção ao amor implica em escolha, rejeitando a concepção de amor como um impulso instintivo, mas sim como algo que deve ser aprendido (hooks, 2021).

Ao longo da obra de bell hooks é perceptível o esforço de definir o amor enquanto uma prática e uma ação libertadora, isso se torna evidente em trechos como:

Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. (hooks, 2021, p. 48)

Também encontramos no livro *Escrever além da raça: teoria e prática*, uma definição muito potente sobre o amor. hooks afirma: “sempre que fazemos o trabalho do amor, fazemos o trabalho de acabar com a dominação. O amor é uma combinação de cinco fatores: acuidade, compromisso, conhecimento, responsabilidade e confiança” (hooks, 2022, p. 298).

Esses trechos das obras de bell hooks são essenciais para iniciarmos a discussão do amor, compreendendo-o enquanto um fenômeno que pertence à esfera da prática coletiva e política. Ao longo de sua obra, bell hooks vai explicitando e evidenciando que escolher o trabalho do amor, ou assumir uma ética amorosa, é afirmar um caminho comunitário, coletivo, através do qual é possível produzir encontros de afirmação crítica e de diálogo (hooks, 2021, 2022, 2023).

Os textos intitulados *Amor como prática da liberdade* e *A prática do amor*, publicados em 1994 e 2012, respectivamente, apresentam direcionamentos significativos para

entendermos o que bell hooks se refere e exemplifica enquanto ética do amor e sua atuação em relação a dominação da supremacia branca. Mesmo com uma diferença de dezoito anos entre as duas publicações, os textos são complementares. Diante disso, destaco aqui alguns pontos centrais da teoria e da prática, do amor.

O texto *Amor como prática da liberdade*, publicado originalmente em 1994, se dedica à produção de uma análise política da situação dos movimentos civis, desde o prisma do amor. O primeiro parágrafo do texto, pode ser entendido como um alerta e um manifesto pela ética amorosa:

Nesta sociedade, não há um discurso potente sobre o amor emergindo nem de radicais politicamente progressistas nem da esquerda. A ausência de um foco contínuo no amor dentro dos círculos progressistas é resultado de uma falha coletiva em reconhecer as necessidades do espírito e de uma ênfase excessiva em preocupações materiais. Sem amor, nossos esforços para libertar a nós mesmos e a nossa comunidade mundial da opressão e da exploração estão condenados. Enquanto nos recusarmos a abordar plenamente o lugar do amor em lutas pela libertação, não seremos capazes de criar uma cultura de conversão na qual uma multidão de pessoas se afaste de uma ética de dominação. (hooks, 2023, p. 400)

hooks situa o amor como um caminho dos sujeitos se afastarem de uma ética da dominação, um aspecto que deveria ser fundamental nas lutas pela libertação. A autora observa que políticos e militantes tendem a agir contra a dominação quando sentem sua própria integridade ameaçada, e aponta que, se as lutas sociais fossem baseadas em uma ética amorosa, seria possível romper com essa forma de desejo egocêntrico por mudança, em um processo de ampliação da nossa preocupação e indignação frente a situações de opressões de outros (hooks, 2023).

Nesse mesmo texto, bell hooks resgata a trajetória de Martin Luther King, uma figura política que inspira e motiva seu trabalho. Martin Luther King foi pastor e uma das principais lideranças no movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, se tornou uma figura marcante na luta contra o racismo e a segregação racial. Segundo hooks, Luther King e o movimento dos direitos civis transformaram profundamente a sociedade estadunidense, ao passo que levantava a bandeira de uma luta fundamentada na ética do amor (hooks, 2023). Segundo a autora,

Nenhum líder enfatizou essa ética (do amor) mais do que Martin Luther King. Ele teve a visão profética de reconhecer que uma revolução construída em qualquer outra base fracassaria. Repetidas vezes, King declarou que tinha “decidido amar” porque acreditava profundamente que, se estivermos “buscando o bem supremo”, nós “o encontraremos por meio do amor”, porque essa é “a chave que abre a porta para o significado da realidade definitiva”. (hooks, 2023, p. 403)

bell hooks indica que a capacidade de mover multidões em direção à justiça racial se dá por meio do amor. No capítulo *Prática do amor* do livro *Escrevendo além da raça: teoria e prática*, hooks se dedica a discutir o “impacto psíquico da dominação supremacista branca na mente e na imaginação das pessoas negras” (hooks, 2022, p. 293) e qual o papel do amor, enquanto um projeto de descolonização e de libertação (hooks, 2022).

A doutrina de dominação da supremacia branca é um fator organizador da sociedade ocidental, todos estão submetidos à uma lógica de cultura que socializa os sujeitos, ensinando-os a acreditar e reproduzir hábitos que sustentam a ficção da diferença racial (hooks, 2022). “Com muita frequência, a política da supremacia branca e suas noções concomitantes de raça e racismo levam as pessoas negras e todos os demais a reproduzir diariamente hábitos que carecem de integridade.” (hooks, 2022, p. 294), trata-se de uma cultura pautada na violência, preconceito, discriminação e na dominação.

O caminho para a resistência à supremacia branca e ao racismo é por meio de uma “constante vigilância crítica” (hooks, 2022, p. 295). hooks aponta que, para ultrapassarmos as marcas culturais violentas impostas pelo racismo, devemos adotar estratégias de descolonização do nosso pensamento. Trata-se de um processo que, fundamentado no amor, fortalece a consciência dos sujeitos em direção à realidade livre de opressões. hooks (2022) propõe que apenas uma mudança no modo de pensar e de sentir seria capaz de mudar os hábitos e ações racistas, ao passo que “podemos optar por viver de maneiras que nos ofereçam um foco de vida diferente. E a maior estratégia para mudar a fixação de qualquer pessoa na raça é o envolvimento total com a prática do amor” (hooks, 2022, p. 296).

O processo de descolonização da mente, e um afastamento da lógica de dominação supremacista branca, só é possível por meio do amor. “Devemos ousar amar. Devemos reconhecer o amor como a prática transformadora que nos libertará em corpo e mente.” (hooks, 2022, p. 297). Ainda sobre descolonização do pensamento, hooks aponta:

Consciência é central para o processo do amor como prática da liberdade. Sempre que aqueles de nós que são membros de grupos explorados e oprimidos ousam questionar criticamente nossa localização, as identidades e alianças que configuram nosso modo de viver, começamos o processo de descolonização. Se descobrimos em nós mesmos o auto ódio, a baixa autoestima ou o pensamento supremacista branco internalizado e os

enfrentamos, podemos começar a nos curar. Reconhecer a verdade da nossa realidade, tanto individual quanto coletiva, é um estágio necessário para o crescimento pessoal e político. (hooks, 2023, p. 408)

Diante do exposto, é seguro atestar que o amor é a evidência de um mundo que se humaniza. A teoria do amor em bell hooks produz uma força que atravessa as discussões políticas de maneira marcante, destacando a necessidade do trabalho e da militância desde uma perspectiva da afetividade e da afetação. Em todas as obras da autora é evidente a influência de sua vida pessoal, acadêmica, espiritual e política para a formulação dos textos. Uma vez que a experiência vivida nunca é plenamente individual, é sempre identificada e compartilhada com outros sujeitos, descrever cenas de sua vida e de seu cotidiano colocam a teoria como “um mapa capaz de nos guiar na direção do terreno libertador.” (hooks, 2022, p.292).

4. GENI NÚÑEZ

A segunda autora que utilizaremos para a discussão do amor enquanto prática revolucionária é Geni Núñez, uma ativista indígena guarani, psicóloga e escritora, conhecida pelo seu trabalho e estudos no campo do gênero e da descolonialidade. A autora e pesquisadora vem ganhando notoriedade e conquistando muitos espaços nas discussões no campo da psicologia e dos Estudos de Gênero, principalmente nas discussões acerca da monogamia e não monogamia. A escolha de utilizar suas produções para a discussão desse trabalho, aconteceu em parte por uma aproximação da autora com o campo da psicologia crítica, mas principalmente por conta das temáticas que traz em seus textos e falas, desenvolvendo uma importante discussão sobre a construção do amor em uma sociedade que sofre as marcas da colonização e da violência racial, e sobre a possibilidade de reconstrução desse amor, desde uma perspectiva descolonizada, enquanto uma prática libertadora.

Geni Núñez é doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina, membro da comissão de direitos humanos do Conselho Federal de Psicologia e assistente da comissão Guarani Yvyrupa. Núñez, ministra diversos cursos e palestras anualmente e utiliza como principal meio de comunicar e publicar seus textos, uma página no Instagram chamada @genipapos, que conta, no momento dessa pesquisa, com 332 mil seguidores (29/04/2024). Em suas publicações, Núñez compartilha de forma muito poética e sensível

suas vivências, reflexões e estudos sobre não-monogamia, amor, descolonialidade e política.

Em 2023 Geni Núñez publicou seu livro *Descolonizando Afetos: experimentações sobre outras formas de amar*, onde traz seu estudo sobre a monogamia e sua relação com a violência colonial e sobre os caminhos e possibilidades acerca da não monogamia. Utilizaremos esse livro e a transcrição de uma fala que a pesquisadora fez em 2021 na V Semana de Psicologia e Fenomenologia da PUC-SP, que está disponível em vídeo na plataforma YouTube. A mesa teve como temática e título “Relações afetivas, sexualidade e identidade na clínica” e a fala de Geni Núñez foi intitulada “Monogamia e colonialidade na clínica”.

4.1 ESTUDOS DE GÊNERO E DECOLONIALIDADE

A pesquisa de Geni Núñez parte de uma análise histórica de cartas jesuíticas, como uma forma de investigar a origem e as maneiras que o projeto colonizador impôs uma “monocultura de afetos que persiste desde 1500 até os dias de hoje” (Núñez, 2023, p.25). Ela aponta que a monogamia é uma parte central do projeto colonial português, pois trata-se de um projeto civilizatório operado por meio de uma moral cristã, pela qual se buscou erradicar as perspectivas indígenas de intimidade.

A monogamia tem um papel central no projeto de colonização cristão ao passo que é compreendida como um meio de garantir o sucesso da catequização, garantindo uma adesão ao batismo e o sucesso do movimento missionário (Núñez, 2023). Como Núñez aponta,

O objetivo de catequizar e evangelizar todos os povos do mundo parte de um lugar de 'fazer o bem', de levar o amor e a salvação, e é justamente aí que temos um ponto crucial: por vezes somos ensinados/as/es a associar opressão racismo e demais violências algo relacionado ao ódio, ao mal; mas para contra colonizar, ou seja, para fazer um esforço contrário à colonização, precisamos reconhecer que é justamente em nome do bem, da família e do amor que a maior parte das violências se perpetua. (Núñez, 2023, p. 27)

É em nome da família e do amor que se impõe o que a autora chama de um sistema de monocultura (Núñez, 2021). Esse sistema se expressa na imposição do monossexismo, através da heterocisnormatividade, no monoteísmo e no cristianismo, como únicas experiências espirituais possíveis e na monogamia, imposta como única forma de viver os afetos. Núñez aponta que a monocultura se “constrói como uma identidade parasitária” (Núñez, 2021), não permitindo concomitância de nenhuma outra possibilidade de existência, as identidades coloniais não permitem a existência de um “também”. Um dos

meios pelo qual a violência colonial atua é no processo de apagamento cultural de qualquer forma que fuja da monocultura, uma vez que a cultura cristã deve ser a única vigente.

Nos relatos dos jesuítas, atos como “a nudez, as relações de poligamia entre os membros das aldeias e a condução de suas vidas através do pajé” (Lima e Menezes, 2008 apud Núñez, 2023, p.43) eram amplamente condenados, em uma tentativa dos padres em corrigir essas práticas, como uma forma de afastar os povos indígenas do que consideravam selvagem e animalesco. O combate ao nudismo assumiu um papel central no projeto de colonização, pois atendia tanto à demanda de uma civilização cristã, quanto à um afastamento de práticas sexuais e não monogâmicas (Núñez, 2023).

Núñez (2023) destaca que, para os povos Guarani a não monogamia representa um modo essencial de sua cultura. Nesse sentido, houve uma iniciativa de resistência dos modos de vida tradicionais desses povos, ordenada principalmente por lideranças espirituais, como uma forma de fortalecer sua identidade cultural.

“Por isso quando pensamos uma não monogamia a partir de uma perspectiva indígena, não nos interessa simplesmente apostar em um sistema que se diz em nome do amor, da fidelidade, da confiança e do respeito; é necessário abrir cada um desses termos e ver o que de fato traduzir na prática.” (Núñez, 2023, p. 48).

4.2 MONOGAMIA E A ARTESANIA DOS AFETOS

Para darmos início a discussão sobre a “não monogamia a partir de uma perspectiva indígena” (Núñez, 2023, p. 48), é necessário partirmos de uma análise das implicações da monogamia na vida cotidiana, já que, tratando-se de um fator estruturante da sociedade colonizada, é a origem e a marca de diferentes situações de violência.

O primeiro aspecto que a autora destaca é a relação da colonialidade, e consequentemente da monogamia, com uma forma determinada de lidar com o tempo (Núñez, 2021, 2023). A centralidade do tempo na monogamia pode ser traduzida, em parte, pela frase clássica associada à cerimônia do casamento católico: “até que a morte nos separe”. Na monogamia e no casamento cristão, há um termo normativo que expressa a impossibilidade de dissolução do vínculo amoroso, o casamento é um sacramento católico, é tido na tradição cristã como um casamento com Deus e por isso nunca deve ser quebrado (Núñez, 2021). Essa definição de casamento só passa a ser contestada em termos jurídicos no Brasil a partir de 1977, com a lei do divórcio que define a possibilidade de sua dissolução. Como destaca a autora, essa compreensão de casamento está presente nas violências misóginas, principalmente no feminicídio. Uma frase frequente atribuída aos autores de

violência contra mulher é a de que não aceitavam o término da relação, Núñez (2023) destaca que a violência contra as mulheres, mais do que ser uma expressão do machismo e da misoginia, é uma expressão clara de como a monogamia serve enquanto “alimento ideológico para essas práticas (de violência)” (p. 36). O que demonstram os dados,

Do Anuário de Segurança Pública (ABSP) de 2020, mostram é que cerca de 90% das vítimas de feminicídio foram assassinadas por companheiros ou ex-companheiros. Ou seja, não são homens aleatórios que estão cometendo esses assassinios: são precisamente aqueles com quem as vítimas tiveram um vínculo romântico, monogâmico e heteronormativo. Em outras palavras, essa forma de amar é perigosa para a vida das mulheres e das pessoas sexo-gênero dissidentes (Núñez, 2023, p. 37)

Ainda sobre as definições de casamento no ordenamento jurídico brasileiro, destaca-se a defesa da monogamia prevista no Código Civil, na definição da união estável como uma relação de exclusividade, e no Código Penal, na tipificação do crime de bigamia que condena sujeitos que se casam já sendo casadas com outra pessoa. A defesa da monogamia no âmbito jurídico é renovada regularmente, podendo ser entendida como uma defesa ao direito da propriedade, da previdência e da herança, aspectos centrais para a manutenção do estado capitalista e da instituição familiar, na qual o trabalho doméstico e de cuidado são exercidos por mulheres de forma não remunerada, em nome do “amor” (Núñez, 2023).

No processo de colonizar e de universalizar as formas de viver o amor e as relações, “A monogamia e o amor romântico orientam uma grande centralização da existência em torno da relação romântica” (Núñez, 2023, p. 63 e 64), nesse processo de centralização se relacionar amorosamente se torna sinônimo de trabalho e cansaço, de abdicação dos sonhos pessoais, de relações familiares e de amizades em nome da estrutura casal (Núñez, 2023).

“Diversas pesquisas têm pontuado que ser uma mulher casada em uma relação heteronormativa acrescenta dezenas de horas de trabalho semanais a essas mulheres. Não à toa, os setores mais conservadores da política brasileira sempre tiveram como pauta a defesa dessa família, pois sabem que é por meio dessa instituição que uma série de violências e explorações é garantida, inclusive do ponto de vista financeiro, Mulheres, especialmente as não brancas, mães, empobrecidas, trabalham gratuitamente para a 'família', garantindo serviços diários de limpeza, alimentação” (Núñez, 2023, p. 64)

Diante desse cenário, compreendemos a monogamia além de uma simples estrutura relacional, mas sim como um pilar de sustentação do modo de vida capitalista. E como forma de se contrapor a ele, Núñez aponta para a não monogamia como uma possibilidade de ampliar os vínculos e a potência de vida que são cerceadas historicamente pela política monoafetiva. A lógica colonial e as relações monogâmicas são fundadas na noção de exploração. O colonialismo opera na exploração dos recursos naturais, com o objetivo de esvaziar completamente rios e matas, e opera da mesma forma na exploração do território-corpo, na produção de trabalho compulsório (Núñez, 2023). Diante desse cenário, a não monogamia é a possibilidade de retomar os espaços de cultivo da vida.

A vida é um laço de interdependências, e, para que seus fluxos se movimentem de maneira saudável, é necessário que o cuidado seja reparador. Todos os seres merecem bem viver para além de sua utilidade, de sua funcionalidade para os outros. Que as expressões afetivas sejam também sobre transbordamentos e abundâncias, e não apenas sobre faltas e necessidades. (Núñez, 2023, p. 116)

Nessa direção, a autora aponta a não monogamia como um não modelo, que aliado à luta anticapitalista e anticolonial (Núñez, 2021), deve ser produzido de forma artesanal. Como explica em sua palestra:

Aqui, queria apresentar minha nova perspectiva, que tenho chamado de *artesanía dos afetos*. “Artesania” no sentido de que é preciso que consigamos dar a nossa cor, nosso cheiro, nossa história e nosso tamanho às nossas relações (Núñez, 2021)

Trata-se de uma forma de repensar o compromisso, repensar o que a monogamia exige enquanto contrato e inflexibilidades e pensar um projeto que abrange outras pessoas e diferentes formas de vínculo afetivo. A ideia de “artesanía dos afetos” aborda a possibilidade de tecer redes e relacionamentos, desfazê-los e repensá-los, viabilizando o cuidado nas relações a partir da particularidade de cada sujeito, de forma que ele possa circular entre os sujeitos e não seja exercido exclusivamente por mulheres, como é de praxe na monogamia (Núñez, 2021, 2023).

Nessa construção praxica, Geni Núñez mostra que ao caminhar em direção à não monogamia, no processo da descolonização dos afetos, o exercício da coletividade é algo central. Geni Núñez dedica um tópico de seu livro para esse processo, em que ela analisa que, para que haja a possibilidade de novos tipos de vínculo, é necessário “um trabalho

emocional e psicossocial comunitário” (Núñez, 2023, p. 115). Há a necessidade de um comprometimento coletivo, incentivando a autonomia, a redistribuição do trabalho e o cuidado, fugindo do individualismo e do egoísmo neoliberal e colonial (Núñez, 2023). Trata-se de um convite para reconhecer nossa interdependência, de reconhecer que “Precisamos do ar, da água, da terra, do alimento; precisamos uns dos outros o tempo todo. Nossa interdependência e cuidado circular fazem a saúde da vida.” (Núñez, 2023, p. 114). O amor é uma prática coletiva, atravessada não só por outros sujeitos, mas por toda nossa história de vida, política e social, dependendo também do nosso ambiente, do ar que respiramos, do solo por onde circulamos. Mais adiante no texto ela afirma:

No amor romântico, a promessa é a de que tudo seja suprido por uma única pessoa, seja para dar sentido à vida, seja para ser a única fonte a ser demandada para tudo. Assim como a terra, que, quando abusivamente explorada, se torna estéril, o amor também seca quando se toma dele toda gota. O cuidado unilateral é extrativista (Núñez, 2023, p. 114)

A monocultura afetiva empobrece o sujeito. A não monogamia é um convite para a nutrição e expansão das experiências, encontrando no cotidiano as expressões do amor e da vida afetiva que nos impulsiona, que viabilizam o fortalecimento e produção de vida (Núñez, 2023).

Em vez de a demonstração de amor se expressar na promessa de sua exclusividade, que sua expressão mais concreta e nítida seja no cotidiano. Pela qualidade do tom, aroma e som dos dias é que atestamos a qualidade do amor que vivemos. Que isso nos seja mais real do que todos os medos imaginados. (Núñez, 2023, p. 143)

Nesse sentido, a autora nos convida a pensar o amor enquanto “amores potáveis”, amores que oferecem condição para o movimento, para transformações que possibilitam novos encontros e diferentes formas de relação que são vivas, que tomam formas particulares de acordo com os sujeitos que se engajam nela (Núñez, 2023).

5. DISCUSSÃO: (DES)APROXIMAÇÕES

Diante do exposto sobre as autoras, é notável que o amor exerce um papel central nas teorias apresentadas, enquanto um sentimento que é ao mesmo tempo base e guia para uma prática libertadora. O que foi discutido acerca das obras de bell hooks e Geni

Núñez representa um recorte que selecionei de suas teorias. Busquei enfatizar o papel central do amor, entendido por ambas as autoras enquanto um sentimento que capaz de mobilizar um processo de libertação da lógica colonial e da supremacia branca.

As autoras compartilham concepções sobre o amor que, a princípio, são muito próximas. Contudo, conforme nos aproximamos das obras de maneira mais cuidadosa, é possível identificar divergências fundamentais entre elas.

Busco evidenciar aqui alguns desses aspectos de aproximação e afastamento, entendendo que ambas as autoras desempenham um papel central na discussão do amor enquanto prática revolucionária, e que ao identificar esses pontos de (des)aproximações, podemos produzir uma leitura e uma prática potente baseada e direcionada para o amor.

Para iniciar essa discussão, considero relevante retornarmos a ideia de epistemologia alternativa, exposto no texto sobre a construção teórica do feminismo negro, que representa a importância da narrativa na formulação teórica das autoras. Em relação às obras analisadas, é notável os esforços de Geni Núñez e bell hooks, em apresentar suas realidades e suas experiências de vida em suas escritas, e esse é um dos aspectos básicos que tornam suas obras bastante distintas. Os textos de bell hooks foram escritos por uma mulher negra nos Estados Unidos dos anos 1990 e 2000, como já explicitado acima, anos marcados pelo avanço econômico e de políticas neoliberais no país e no mundo, principalmente por meio das guerras imperialistas. Por sua vez, Geni Núñez fala de uma realidade contemporânea, os textos foram escritos por ela, uma mulher indígena Guarani, no início dos anos 2020, anos marcados pela pandemia de COVID-19 e pelas atuações de um governo de direita ultraconservadora, com atuações racistas, misóginas e lgbtqi+fóbicas, que incentivou um genocídio em território nacional contra populações e comunidades indígenas (Conselho indígena de Roraima, 2023).

Além das diferenças na experiência do tempo histórico das autoras, destaca-se também as diferenças epistemológicas, de percepção de mundo, entre elas. Geni Núñez apresenta logo na introdução o fato de sua obra e suas reflexões estarem centralizadas na cosmogonia de seu povo, partindo de uma perspectiva guarani sobre as questões da colonização e das monoculturas (Núñez, 2023). A epistemologia e a cosmogonia Guarani partem da ideia de reflorestar a terra e o imaginário desde uma visão colaborativa e igualitária entre as diferentes formas e camadas da vida, em um caminho no qual o humano não ocupa uma posição central (Núñez, 2023b). Segundo a autora, o caminho da epistemologia Guarani, “convocam não apenas a uma resignificação do que é mente e corpo, natureza e cultura, selvagem e civilizado, humano e animal, mas a uma desistência/desobediência ao binarismo que as formula.” (Núñez, 2023b, p.27). Há uma

profunda diferença na compreensão de saúde e de relações comunitárias. Nesse sentido Núñez coloca a linguagem Guarani como evidência dessa diferença,

Minha mãe me contou que, em Guarani, ela não conhece palavras específicas que denotem posse. Em vez de dizer que somos “donos” de algo, falamos que estamos em sua companhia. O rio não é nossa propriedade, o vento também não; não somos proprietários de nenhuma existência. Aprendi também com o parente Guarani Nhandeva Alberto Tavares que nossa linguagem já “reflete a espiritualidade guarani, livre de posses”. (Núñez, 2023, p. 20)

bell hooks, por sua vez, parte de uma base epistemológica muito distinta em relação ao amor. Em suas obras, principalmente nos capítulos de *Tudo Sobre Amor* e em "Prática do amor", é evidente a influência das igrejas cristãs negras do sul dos Estados Unidos, assim como a influência da filosofia zen budista na sua teorização sobre o amor (Silva, 2021). bell hooks relata sobre a passagem que teve na igreja cristã durante a infância, deixando claro como as ideias e os princípios do amor como salvação e como prática coletiva, surgem dessa experiência religiosa.

Para muitos de nós, a igreja foi o lugar onde ouvimos pela primeira vez uma contranarrativa a respeito do amor, que diferia das mensagens confusas aprendidas em famílias disfuncionais. As dimensões místicas da fé cristã (a crença de que todos somos um, de que o amor é tudo) que me foram apresentadas na infância pela igreja constituíram um espaço de redenção. (hooks, 2021, p.111)

A igreja cristã negra, e líderes como Martin Luther King, são grandes referências de hooks para tratar do amor (Silva, 2021; hooks, 2022). A ideia do amor como salvação surge de uma relação da perspectiva cristã, mas também se une às referências do zen budismo, principalmente do monge Thich Nhat Hanh, partindo de uma filosofia que se funda nos termos de uma prática budista socialmente engajada com a compaixão (hooks, 2021).

Essas diferenças na posição histórica, subjetiva e epistemológica entre as autoras é o que marcam suas desaproximações. Os mais de vinte anos de diferença entre os textos e a escrita feita em um país do sul global por uma mulher indígena, e outro em um país no centro do capitalismo por uma mulher negra, trazem marcas diferentes enquanto corpos de sujeitos colonizados, análises e necessidades políticas diferentes, mas que em diversos aspectos se complementam. Dentre os aspectos convergentes e complementares entre as teorias, destaco aqui três pontos a serem explorados: a família, o amor romântico e o amor enquanto prática descolonial.

5.1 FAMÍLIA

A caracterização da família entre as duas autoras é bastante semelhante. Ambas partem de perspectivas críticas em relação à instituição familiar, apontando o impacto do patriarcado e da dominação masculina na construção de um espaço que fabrica e impõe de forma violenta os papéis de gênero (Hooks, 2021, Núñez, 2023). hooks (2021) afirma que a família nuclear se torna um espaço de poder que assume tendências autocráticas e fascistas, onde o papel do pai pode facilmente ser associado à de um governante absoluto. No livro de Geni Núñez (2023) encontramos uma confluência com essa perspectiva, ao passo que ela identifica na etimologia da palavra família, que deriva da palavra em latim que se refere a escravos domésticos de um senhor, as raízes de uma instituição fundada na violência e na hierarquia.

Há uma linha de argumentação que liga o trabalho das duas autoras, que, em um esforço de caracterizar a família, assumem uma posição crítica e convidam os leitores a fazer essa análise desde a noção dos excessos até das violências na família. Destaco aqui citações de cada autora para exemplificar esse processo:

No livro *Tudo sobre amor*, bell hooks aponta que há um discurso social nos Estados Unidos amplamente divulgado sobre relacionamentos disfuncionais. Esse discurso funciona, não como uma forma de crítica, mas como uma forma de normalizar essa disfunção. Nas palavras dela:

Quanto mais se põe atenção em laços disfuncionais, mais a mensagem de que famílias são todas um pouco ferradas se torna o senso comum, mais popular se torna a ideia de que famílias são assim mesmo. Assim como no consumo hedonista, somos encorajados a acreditar que os excessos da família são normais, e que anormal é acreditar que alguém possa ter uma família funcional, amorosa. (hooks, 2021, p. 148)

Nesse trecho, a autora caracteriza um discurso cultural que justifica e normaliza a presença de violência nas relações familiares, entendendo os abusos como algo que seria comum de todas as famílias. Nesse sentido, em relação ao discurso cultural de justificar as situações de violência na família, Geni Núñez tem uma passagem em seu livro em que diz: “Nos ensinam na família que respeito é obediência, que autonomia de pensamento é ofensa, egoísmo e ingratidão. Que família deve se manter unida apesar de tudo.” (Núñez, 2023, p. 102)

Tanto no livro *Descolonizando afetos* de Núñez, quanto em *Tudo sobre amor*, há um esforço de nomear e identificar as disfunções nos laços familiares, compreendendo que se trata de um marco histórico da constituição da instituição família, associada ao machismo

e à violência patriarcal. Nesse caminho as autoras se encontram, mas se afastam conforme avançam na discussão sobre as formas de construir outros laços ou possibilidades de família.

bell hooks aponta para um caminho em que é possível pensar a família em moldes funcionais e reafirma a importância de celebrar e cultivar espaços e experiências de família em que é possível identificar uma ética amorosa,

A menos que todos possamos imaginar um mundo em que a família não seja disfuncional, mas um lugar em que o amor exista em abundância, condenaremos a família a ser sempre apenas um lugar de dor. (hooks, 2021, p.239)

A autora apresenta uma esperança de encontrar nos moldes de família uma possibilidade de cuidado e de relações que não sejam marcadas pela coerção ou pelo constrangimento (hooks, 2021).

Quando coletivamente movermos nossa cultura na direção do amor, poderemos ver essas famílias amorosas mais representadas na mídia. Elas se tornarão mais visíveis em todas as esferas da vida comum. Então, com esperança, ouviremos essas histórias com a mesma intensidade com que temos ouvido narrativas de dor e abuso violentos. Quando isso acontecer, a felicidade visível das famílias funcionais vai se tornar parte de nossa consciência coletiva. (hooks, 2021, p.239)

Nesse sentido, é possível afirmar que hooks vê um caminho de mudança coletiva da forma de se perceber e vivenciar a família, sem precisar agir de forma radical em direção às suas estruturas. Geni Núñez, por sua vez, compreende essa relação de forma oposta. Nas palavras da autora:

O desejo de ressignificar a família, de ressignificar a monogamia ou a heteronorma por vezes vem do imaginário de que no fundo esses sistemas seriam bons e saudáveis e de que o problema seria apenas a execução de alguns. (Núñez, 2023, p. 106)

Núñez constrói um caminho de questionamento dos sistemas impostos pela lógica colonial, ela propõe um afastamento dessas relações e construção de novas, entendendo que “nem tudo deve ser ressignificado; talvez haja sistemas que devam mesmo ser destruídos” (Núñez, 2023, p.60). A autora identifica que não apenas a prática das relações é violenta, mas principalmente sua própria base ideológica (Núñez, 2023).

Compreendo que em se tratando de pessoas muito feridas pelas violências coloniais. Uma das formas de defesa pode ser justamente tentar ressignificar ideia de família, de deus, de respeito e de responsabilidade e esse é um caminho possível, mas não podemos esquecer também que desistir de

apostar nesses mesmos sistemas, criar outras palavras, outros sentidos também é uma possibilidade. Parte do exercício de descolonização é justamente não mais atribuir uma essência anterior às estruturas organizadas em nome de deus família, em nome do bem, porque justamente a crença nisso que nos faz tentar repeti-las. (Núñez, 2023, p. 60)

Núñez apresenta um discurso revolucionário e que leva o exercício de descolonização em seu caráter radical de rompimento com as estruturas da ideologia capitalista, enquanto hooks procura brechas e possibilidades dentro dos sistemas, como forma de torná-los mais amorosos. Por tanto, encontramos uma diferença de método entre as duas teorias, em que uma refere-se a um processo radical de descolonização e outra busca o fortalecimento da ética do amor dentro das estruturas já postas.

5.2 AMOR ROMÂNTICO E ÉTICA AMOROSA

Em relação à caracterização do amor romântico, é possível notar uma aproximação maior entre as perspectivas propostas pelas autoras. Tanto na obra de bell hooks, quanto na obra de Geni Núñez, acompanhamos um processo de caracterização e de formulação da ideia de amor enquanto prática ética e política, que para definirem o que é o amor libertador, afirmam a diferença entre ele e o amor romântico.

É interessante destacar que, nesse esforço para definir o amor, as autoras caminham de forma muito semelhante em suas construções textuais. Os textos são construídos em um processo dialético da caracterização do amor, que ora se define na negação de uma forma de amar hegemônica, ora como espaço de reivindicação de um caminho possível em uma prática de vida libertadora.

Sobre o amor romântico, bell hooks afirma que se trata de uma das ideias mais destrutivas do pensamento humano, uma vez que sua narrativa leva as pessoas acreditarem que é possível alcançar o amor sem um trabalho e uma escolha direcionada a ele (hooks, 2021). Segundo hooks “Poucos de nós entram em relacionamentos românticos tendo capacidade de receber amor” (hooks, 2021, p.200), isso acontece pela nossa falta de compreensão do que é o amor, de uma noção que independente de nossos esforços, o amor romântico virá até nós e que não é preciso nenhum tipo de trabalho ou reflexão em sua direção (hooks, 2021).

A falta de clareza em relação ao amor e a promoção da fantasia de uma união sem esforço, de uma química que une e faz com o sujeito caia de amores, é um dos fatores que bell hooks aponta como prejudiciais nas relações, por levarem os sujeitos a repetir experiências de abuso, coerção e manipulação, justamente por não terem clareza do trabalho do amor em direção ao crescimento espiritual (hooks, 2021).

Núñez (2023), caminha nesse mesmo sentido, afirmando como a falta de clareza em relação à estrutura das relações amorosas, as tornam campos propícios para situações de violência. Assim como mostramos na discussão sobre a família, a autora propõe um resgate de um olhar crítico em direção à estrutura dos relacionamentos amorosos, dedicando um olhar cuidadoso às implicações da moral monogâmica na experiência afetiva dos sujeitos, principalmente de mulheres e de pessoas sexo-gênero dissidentes. Destaca-se que, por carregar em si a obrigatoriedade da exclusividade afetiva sexual e da dedicação intensa na relação, além de um ideal de permanência que é incompatível com a produção de vida, o amor romântico pode ser entendido enquanto um aprisionamento (Núñez, 2021, 2023).

Assim como bell hooks (2021), Geni Núñez (2023) aponta como é comum, nos caminhos do amor romântico, cair em uma prática de depreciação de si e do outro, que vem justamente do desejo e do sentimento de posse e controle absoluto sobre o corpo e a afetividade da pessoa com quem se relaciona. A manipulação é um aspecto que as autoras trazem em comum ao se referirem ao amor romântico, sendo apontada como uma das ferramentas que constrói relações baseadas em hierarquia e violência (hooks, 2021; Núñez, 2023).

Mais especificamente sobre a manipulação, hooks (2021) aponta como livros de autoajuda e sobre relacionamentos amorosos encorajam o pensamento patriarcal e validam ideais machistas, que propagam a ideia de, para que seja possível que mulheres estejam em relacionamentos amorosos, é preciso aceitar certo grau de desconfiança e manipulação. Sobre esses discursos, hooks aponta:

A mensagem que transmitem às mulheres é de que relacionamentos são sempre e apenas associados ao poder, à manipulação e à coerção, que têm a ver com conseguir que alguém faça o que você quer, mesmo contra a vontade da pessoa. Eles ensinam mulheres a usar ardis femininos para jogar o jogo do poder, mas não oferecem orientações sobre como amar e ser amada. (hooks, 2021, p. 186)

Esse é um outro aspecto de aproximação entre as autoras, ambas identificam um forte discurso cultural que incentiva o uso da manipulação e da chantagem como meios de manutenção do amor romântico. É possível destacar uma passagem de Geni Núñez que também representa essa marca cultural, a saber;

A violência em relações abusivas com frequência é ilustrada apenas pela agressão físico-psicológica ao outro, mas a autopunição também pode fazer parte das chantagens e abusos. “Se me ama, não me faça sofrer” pode vir desde o lugar de poder das famílias contrárias a pessoas sexo-gênero dissidentes até das demandas da monogamia. As punições ao direito de si

nem sempre são diretas; muitas vezes a forma mais eficaz de chantagear alguém é demonstrar um sofrimento intenso quando essa pessoa desobedece ao cerceamento (Núñez, 2023, p. 126)

Em um cenário no qual o relacionamento afetivo sexual, nos moldes do casamento heterossexual, ocupa uma centralidade fundamental (Núñez, 2023), todos os meios de garantir a união se tornam válidas, independente do resultado de desamor que é produzido no processo (hooks, 2021). Diante disso, as autoras apontam para um apagamento de formas de relações não conjugais, algo que acontece em nome de manter a centralidade e singularidade dos relacionamentos afetivo-sexuais. bell hooks demonstra essa questão narrando sua própria experiência com o casamento:

Fui criada de forma convencional para acreditar que esse relacionamento era “especial” e deveria ser reverenciado acima de todos os outros. A maioria dos homens e das mulheres nascidos nos anos 1950 ou antes era socializada para passar que casamentos e/ou compromissos românticos de qualquer tipo deveriam ter prioridade sobre todos os outros relacionamentos. (hooks, 2021, p. 168)

Podemos acessar aqui a obra de Geni Núñez (2023) como uma ampliação dessa afirmação de bell hooks, entendendo que essa definição do casamento e do amor romântico com um aspecto principal na criação de homens e mulheres, permanece para além dos anos 1950.

Na formação de família, quando dizem “escolha alguém que você ama para viver com você”, não se fala de qualquer amor, mas do amor que se tem pela pessoa com quem se relaciona sexualmente. Pouco se questiona se esse deveria ser realmente o principal critério para essas decisões, e com isso vemos que a noção de orientação sexual está muito mais ligada a uma orientação política do que a uma descrição neutra das atrações. Ela busca designar uma hierarquia relacional que só faz sentido no padrão familiar e monogâmico. (Núñez, 2023, p. 104)

É interessante notar como a questão dos critérios de escolha é colocada na dimensão do amor e do casamento, trata-se de uma experiência e perspectiva compartilhada das autoras, que colocam em análise o próprio sentido da união conjugal e como essa perspectiva, de priorizar esse modelo de relação, silencia outras formas amorosas. Nos trechos acima, fica muito clara a aproximação entre as autoras na compreensão de que, a priorização do amor ou de um relacionamento especial não significam o sucesso dessas relações, como é prometido pela ideologia monogâmica. Nas palavras de Geni Núñez, “A promessa de exclusividade não garante cuidado, afeto e, paradoxalmente, nem a própria exclusividade.” (Núñez, 2023, p. 136).

Além disso, é possível destacar em ambos os textos que essa direção do amor romântico, que define uma superioridade do casamento, empobrece outros laços relacionais. Nesse sentido, as autoras abrem espaço para o questionamento e o reflorestamento de outros laços amorosos. bell hooks (2021) afirma,

Não há amor especial reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar. (hooks, 2021, p.168)

Em sintonia com essa perspectiva, Geni Núñez nos convoca a questionar e repensar o amor e nossas relações de amizades:

Para quem você envia poemas, músicas, flores? Com quem você pensa em viajar, passear, dormir? Na monogamia as amizades são o plano B do amor, o estepe, o complemento. A amizade é bem-vista desde que não ouse borrar as “sagradas” fronteiras do amor e sexo; apenas esse amigo é tido como confiável. É preciso desconstruir o binarismo tanto desse amor quanto dessa amizade, pois um informa o outro. Perguntemos: só consigo me sentir amado se demonstrarem desejo sexual por mim? Só consigo intimidade através do sexo? Quais companhias invisibilizo quando me digo só? Quem me inspira paixão e encantamento? É preciso desorientar-se do caminho reto para desfrutar de outras errâncias. (Núñez, 2023, p.105)

Somos convidados a partir desses trechos a questionar e nos afetar em relação ao que definimos enquanto prioridade de relacionamentos. Nos faz pensar quais formas de amar temos vivido e, nesse caminho de uma falta de clareza de escolha, de uma cultura que nos empurra na direção do amor romântico, como podemos nos envolver, e escolher estar, em outros movimentos. Sobre a relação de amizade, hooks (2021), tem uma passagem que se aproxima muito do trecho transcrito acima de Geni Núñez. Nas palavras de hooks

Uma vez que escolhemos nossos amigos, muitos de nós, da infância à vida adulta, temos nos voltado para eles em busca de carinho, respeito, conhecimento e do empenho geral para promover o nosso crescimento que não encontramos na família. (hooks, 2021, p.165)

Encontramos e vivemos o “amor verdadeiro”, como hooks (2021) define, principalmente fora das relações afetivo sexuais. Contudo, diante de uma realidade que define um manejo afetivo que não prioriza essas relações, vivemos um apagamento do amor e uma aproximação de um estado de desamor. bell hooks (2021) expressa a experiência do amor e do desamor da seguinte forma:

O amor nos faz sentir mais vivos. Quando vivemos num estado de desamor, sentimos que poderíamos muito bem-estar mortos; tudo dentro de nós é silêncio e imobilidade. “Assassinato da alma” é o termo usado pelos psicanalistas para descrever esse estado de morte em vida (hooks, 2021, p. 221)

O amor é definido pelas autoras como uma experiência de potencialização de vida e dos vínculos (hooks, 2021; Núñez, 2023). No livro de *Descolonizando afetos*, há uma passagem em que Núñez afirma:

Para mim, a descolonização dos afetos faz parte da afirmação e celebração da vida, mesmo quando ela nos desafia, mesmo quando nos perdemos, mesmo quando o sentido muda. Aliás, é justamente por isso tudo que estamos falando de vida, de movimento. As flores de plástico podem não mudar de gosto, de cor e de cheiro, mas não são vivas; a gente sim. (Núñez, 2023, p. 168)

Com isso, vejo sentido em terminar essa afirmação das (des)aproximações entre as autoras com uma afirmação de bell hooks (2021, p.240), que diz que quando passou “a caminhar pela trilha do amor” ficou impressionada em como aspectos de sua vida foram profundamente alteradas.

Em um esforço de síntese, é possível afirmar que, tanto Geni Núñez, quanto bell hooks, constroem suas narrativas e suas práxis, tendo como base a ideia do amor enquanto um movimento, individual e coletivo, que abre um caminho para uma vivência de afeto que visa, nas palavras de hooks (2021) o crescimento espiritual, ou como podemos concluir desde Núñez (2023), uma experiência de autonomia e liberdade. Avalio que, essa forma de compreender e falar sobre o amor, é o que mais aproxima as duas autoras.

6. CONCLUSÃO

Pensar o amor em uma perspectiva não hegemônica, como fazem Geni Núñez e bell hooks, é um convite para refletir sobre as potências e os caminhos para um mundo voltado à liberdade. Como exposto anteriormente, muito da escrita das autoras é marcada pela

história dessas mulheres e de suas comunidades, o que impulsiona a importância e o sentido de falar sobre o amor. A experiência da escrita de Geni Núñez e bell hooks se aproxima muito do que Conceição Evaristo (2017) define enquanto *Escrevivências*, um método pesquisa/escrita que apresenta uma possibilidade de uma escrita marcada pela experiência pessoal, pela história de vida, pelo corpo e afeto, como forma de partilhar a vivência de si, encontrando ressonância com os leitores (Gomes Filho et al, 2021).

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Machado; Soares, 2017, p.206).

Esse movimento de identificação com a escrita é o que torna a discussão sobre amor algo que ultrapassa a barreira da mera descrição de um sentimento. As obras escolhidas para esse trabalho falam de análises e vivências de amor por uma mulher negra estadunidense-bell hooks- e uma mulher indígena brasileira- Geni Núñez-. Essa marca da experiência de vida em corpos subalternizados pelo projeto colonialista (Gomes Filho et al, 2021) é o que permite que o discurso sobre o amor seja feito desde uma prática libertadora, entendendo-o em sua dimensão ético-política.

Em vista disso, é interessante notar como na obra de ambas as autoras o colonialismo aparece como uma grande marca subjetiva e social em suas vidas. O projeto colonial enquanto um “vetor de produção de subjetividades e de subalternização” (Gomes Filho et al, 2021, p.129), que define a branquitude, a heterocisnorma e o cristianismo como valores universais de superioridade (Núñez, 2023) marcam vidas pela violência e dominação da supremacia branca (hooks, 2022). Dizer isso significa dizer que, o cenário que contextualiza as obras das autoras é marcado por uma história e um sistema de crenças que promoveu o genocídio de pessoas negras e indígenas, em nome do desenvolvimento de um modo de viver capitalista (hooks, 2021; Núñez, 2023), esse modo de colonização atinge terras brasileiras e estadunidenses de maneiras distintas, mas que são fundamentalmente iguais no que tange a violência e o apagamento de modos de vida.

O esforço das autoras é de, justamente, fortalecer os caminhos para a descolonização dos pensamentos, abrindo possibilidades para uma experiência coletiva de libertação e de valorização das subjetividades e dos corpos racializados, “reivindicando valores humanizadores em meio à desumanização e ao holocausto” (hooks, 2021, p. 296). Diante de condições históricas de dor, violência e exploração, pensar a afetividade e o amor é um caminho para o cuidado (Ortega, 2023)

“Quando mulheres negras são capazes de reconhecer seus sentimentos, conseqüentemente reconhecem suas necessidades, possibilitando assim o cuidado de si e se afirmarem enquanto sujeito no processo emancipatório.” (Ortega et al, 2023, p. 194)

Aqui estendemos essa afirmação também para diferentes vivências de mulheres racializadas. Nesse mesmo sentido, temos a afirmação de Conceição Evaristo de que, quando mulheres racializadas escrevem “há um movimento poderoso que desrecalca e torna audíveis vozes coletivas sistematicamente silenciadas ou faladas pelo desejo do outro” (Natália, 2024, s/p).

Não à toa Geni Núñez e bell hooks são consideradas referências para falar sobre o amor. As marcas da violência colonial, mas principalmente as marcas da resistência contra colonial através da afirmação dos afetos, levam a uma escrita revolucionária, que constrói e aponta um caminho em que o amor é possível, contrariando a política de morte colonial.

Por fim, vejo sentido em acabar com uma frase de bell hooks que nos convoca em direção ao amor: “Devemos ousar amar. Devemos reconhecer o amor como a prática transformadora que nos libertará em corpo e mente” (hooks, 2021, p. 297).

7. REFERÊNCIAS:

3ª mesa: Relações afetivas, sexualidade e identidade na clínica: S.I: Semana de Psicologia e Fenomenologia da Puc-Sp, 2021. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFogMcgfOkA&t=2306s>. Acesso em: 06 mar. 2024.

ALMEIDA, Mariléa de. Bell hooks. 2021 Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/#:~:text=As%20motiva%C3%A7%C3%B5es%20que%20levaram%20hooks,pe los%20espa%C3%A7os%20editoriais%20e%20acad%C3%AAmicos..> Acesso em: 13 dez. 2023.

COSTA, Grace Campos *et al.* O AMOR É UMA CONSTRUÇÃO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE “TUDO SOBRE O AMOR: NOVAS PERSPECTIVAS” (2020), DE BELL HOOKS. Albuquerque: revista de história, Aquiduaana, v. 26, n. 13, p. 194-201, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/14600/10232>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DORLIN, Elsa. Revolução do feminismo negro! Revista *Ártemis*, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 63-88, 11 jul. 2019. Portal de Periodicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46699>.

EVARISTO, C. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GOMES FILHO, A. dos S. .; NUNES , L. F. .; LAVOR FILHO, T. L. de. A ESCRIVÊNCIA DO CORPO NA COMPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO DECOLONIAIS. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.]*, v. 14, n. 22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22850>. Acesso em: 17 maio. 2024.

HOOKS, Bell. *Cultura fora da lei: representações de resistência*. São Paulo: Elefante, 2023.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

HOOKS, Bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

LESSA, Sergio. A atualidade da abolição da família monogâmica. *Revista Crítica Marxista*, [s. l.], v. 35, p. 41-58, 2012.

ORTEGA, Mariana Xavier *et al.* Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista. *Àskesis*, São Carlos, v. 12, n. 1, p. 189-212, jan. 2023.

SILVA, Silvane. A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade. In: HOOKS, Bell. **Tudo Sobre Amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021. p. 9-22.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 maio 2024.

NATÁLIA, Livia. Prefácio à edição brasileira. In: HOOKS, Bell. **Comunhão: a busca das mulheres pelo amor**. São Paulo: Elefante, 2024. p. 76-210. CD-ROM.

NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Paidós, 2023.

NÚÑEZ, Geni. Perspectivas guarani sobre binarismos da colonização: caminhos para além das monoculturas. Revista Tempo e Argumento, [S.L.], v. 15, n. 40, p. 01-31, 29 dez. 2023. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180315402023e0101>.

PRIORE, Mary del. História do Amor no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RORAIMA, Conselho Indígena de. NOTA SOBRE SITUAÇÃO DO POVO YANOMAMI. 2023. Disponível em: <https://cir.org.br/site/2023/01/23/nota-sobre-situacao-do-povo-yanomami/>. Acesso em: 10 maio 2024.

VELASCO, Mercedes Jabardo. Construindo pontes: diálogos a partir do/com o feminismo negro. Revista Ártemis, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 89-114, 11 jul. 2019. Portal de Periodicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46700>.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.